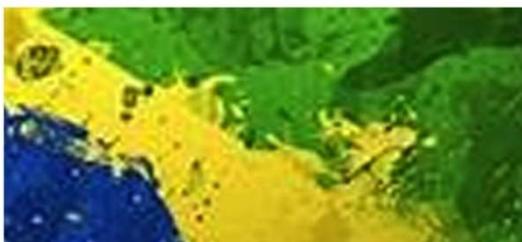


**PENSANDO O BRASIL: BASES  
TEÓRICAS PARA A ANÁLISE DA MISÉRIA  
BRASILEIRA. INTÉRPRETES DA FORMAÇÃO  
SÓCIO-HISTÓRICA BRASILEIRA  
NO SÉCULO XX**



**ORGANIZADORES:**  
ASSUNÇÃO, VÂNIA NOELI FERREIRA DE;  
MELO, WANDERSON FABIO DE;  
JIMENEZ, JUAN RETANA.

NOJOSA EDIÇÕES

São Paulo: Editora Nojosa, 2024, 282p.

Download gratuito:

<https://drive.google.com/file/d/1JzS7u-0jTkHXH44RdHqC1Mt7nsI9voSK/view>

## Introdução

**JUAN RETANA JIMENEZ\***

**WANDERSON FABIO DE MELO\*\***

Esta publicação é uma coletânea de textos sobre os trabalhos de intelectuais que interpretaram a realidade brasileira ao longo do século XX, com os esforços em apanhar as especificidades e particularidades dos caminhos e descaminhos da formação sócio-histórica do Brasil, a partir de uma perspectiva embasada nos referenciais

\* **JUAN RETANA JIMENEZ** é Doutor em Serviço Social pela UFRJ, e professor no Curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, Campus de Rio das Ostras.

teóricos do marxismo e no campo contra-hegemônico.

O livro é resultado do *Curso de Extensão Universitária Pensando o Brasil: bases teóricas para a análise da miséria brasileira*, organizado pelo Grupo de Estudos Marxistas da Universidade Federal Fluminense, Campus de Rio das Ostras, UFF/Rio das Ostras. A atividade extensionista ocorreu entre agosto e novembro de 2021, no formato atividade remota, *on-line*, em razão da pandemia de Covid-19. Participaram professores e pesquisadores de diversas instituições de ensino e Programas de Pós-graduação. Os autores selecionados e a ordem das aulas foram: Nelson Werneck Sodré (1911-1999), José Chasin (1937-1998), Florestan Fernandes (1920-1995), Caio Prado Jr. (1907-1990), Carlos Nelson Coutinho (1943-2012), Clovis Moura (1925-2003), Ruy Mauro Marini (1932-1997) e Francisco de Oliveira (1933-2019). A seleção dos autores a serem trabalhados nas aulas foi resultado de solicitações de alunas e alunos e das discussões no interior do Grupo de Estudos Marxistas da UFF, leituras nos esforços em perceber os contornos da particularidade brasileira e a relevância reconhecida no cenário intelectual e político.

Coordenaram as atividades no formato remoto alunas e ex-alunas da UFF de Rio das Ostras, aluna da pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, professora e professores do Curso de Serviço Social da UFF de Rio das Ostras. Nos bastidores dos encontros virtuais, o trabalho diligente de Maria Luiza Assunção foi importante no cuidado das questões tecnológicas e operacionais.

\*\* **WANDERSON FABIO DE MELO** é Doutor em História pela PUC-SP, e professor no Curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense, Campus de Rio das Ostras.

Os *Intérpretes do Brasil* escolhidos para as análises nas aulas foram aqueles que publicaram textos expressivos na discussão sobre as formas de ser do capitalismo brasileiro. O percurso societário do Brasil não negou a universalidade do capitalismo, o sistema de produção generalizada de mercadorias. Contudo, no processo de sua formação, impôs-se traços particulares e singulares na sua forma de ser. Ao longo da história brasileira, verifica-se a trajetória singular da sua formação sócio-histórica. Neste sentido, busca-se a compreensão da especificidade de seu movimento histórico-social, com vistas a proporcionar o entendimento de sua dinâmica. Os autores elencados esforçaram-se em revelar os traços constitutivos do processo brasileiro por meio de suas obras e reflexões.

A ordem de publicação dos artigos seguiu a cronologia das aulas, sendo assim, não há uma relação propedêutica imediata entre os textos, tampouco uma suposta linha de evolução entre os intérpretes do Brasil escolhidos. A leitura poderá ser realizada aleatoriamente, sem prejuízos ao entendimento do debate. Obviamente, existem polêmicas entre as leituras do Brasil realizadas por esses autores clássicos, resultados de múltiplos condicionantes, mas o objetivo do nosso trabalho é proporcionar o conhecimento das obras dos intelectuais sem preocupações em traçar uma linha evolutiva entre elas. Destaca-se que no trabalho de editoria, foi possível identificar pontos de polêmicas entre os autores, o que em alguns casos foram remetidos aos leitores em notas de rodapé, sem intuir uma conclusão ou posicionamento, apenas indicação, possibilitando aos leitores a elaboração de suas próprias conclusões. Entretanto, torna-se útil reconhecer que a maioria

dos escritores dos capítulos expressam concordâncias acerca da visão chasiniana dos contornos específicos da trajetória nacional, em outras palavras, vários dos colaboradores consideram a via colonial de objetivação do capitalismo enquanto traço constitutivo da singularidade da formação social brasileira.

Os artigos que compõe a coletânea expressam uma baliza comum que deve ser ressaltada: O esforço em tratar como cada intérprete do Brasil selecionado considerou os movimentos do capital, os sujeitos na história e o programa de ações para a transformação do país no século XX. Estes são, sem dúvidas, os eixos centrais das reflexões na publicação. As respostas as complexas questões foram múltiplas, uma vez que as soluções ou encaminhamentos obedeceram a contextos, espaços de sociabilidades, diferenças geracionais, perspectivas ideopolíticas e considerações sobre as forças sociais.

Os participantes que contribuíram com textos para o presente livro são estudiosos e estudiosas do tema da história do Brasil e do pensamento social. Autores e autoras de dissertações de mestrado e de teses de doutorado sobre os intelectuais em questão e/ou de temas correlatos às formulações historiográficas. São pesquisadores e professores envolvidos no trabalho de investigação, intervenção e no exercício em sala de aulas. Assim sendo, os capítulos da publicação foram redigidos com o rigoroso cuidado quanto ao referencial teórico-metodológico, o amplo trabalho junto às fontes (livros e artigos dos analisados) e o esforço didático na escrita ao público não especializado no assunto. As preocupações metodológicas, a pesquisa e a consideração didática são pontos altos no trabalho em seu conjunto.

A coletânea é aberta com o texto “As interpretações da formação social brasileira e a problemática dos modos de produção na obra de Nelson Werneck Sodré”, de autoria de Maria de Anunciação Madureira, professora aposentada da Universidade Estadual de Maringá. Trata-se do capítulo que se debruçou sobre a interpretação da história e a problemática de “modo de produção” em Werneck Sodré.

O segundo capítulo foi produzido por Vânia Noeli Ferreira de Assunção, professora no Curso de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), Campus de Rio das Ostras, líder do Grupo Estudos Marxistas da UFF de Rio das Ostras, organizadora do Curso de *Extensão Universitária Pensando o Brasil*. A professora Vânia Assunção escreveu “J. Chasin e a via colonial de objetivação do capitalismo: uma reflexão marxista sobre nossa formação sócio-histórica”, texto no qual recuperou as formulações de José Chasin acerca da via colonial de entificação do capitalismo.

O professor Rodrigo Chagas, da Universidade Federal de Roraima (UFRR), escreveu o texto “Florestan Fernandes: sociologia histórica e transformação capitalista no Brasil do século XX”, o terceiro capítulo do livro, que tematiza aspectos das reflexões do prestigiado sociólogo sobre as fases da sociedade brasileira.

Yuri Martins-Fontes, pesquisador vinculado ao Núcleo Práxis da Universidade de São Paulo (USP), apresentou o texto: “Caio Prado e a questão nacional: contribuições à historiografia e à filosofia contemporânea”, no qual expressou a relevante discussão acerca da contraposição em compreender a formação social brasileira enquanto “feudal”, ou “restos feudais”. O estudo

do professor Yuri teve como bases o livro *A evolução política do Brasil* e ampla documentação consultada nos arquivos de Caio Prado Jr., material que se encontra guardado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP).

O texto: “Radiografias do Brasil em Carlos Nelson Coutinho”, do professor Vladimir Luís da Silva, o quinto capítulo do trabalho, traz uma importante reflexão sobre as fases do pensamento de Carlos Nelson e a sua “imagem” do Brasil moderno, que ressaltava as debilidades da sociedade civil na formação social brasileira. Vladimir propõe uma leitura crítica acerca da visão sobre o caminho prussiano com vistas a interpretar a particularidade do Brasil.

O sexto capítulo foi escrito por Márcio Farias, estudioso da obra do intelectual negro comunista Clovis Moura. Trata-se de “Um comentário ao livro *A sociologia posta em questão*, de Clóvis Moura”. O professor Márcio trouxe reflexões pertinentes sobre a práxis na obra do importante sociólogo, demonstrando-a enquanto processo ativo e relacionada ao tema da questão racial.

O professor Amarildo Vieira contribuiu com o texto “Ruy Mauro Marini: um intelectual engajado”, o sétimo capítulo do livro, trazendo as diferentes vertentes de interpretação da *teoria da dependência*, bem como as pesquisas de Marini sobre a superexploração da força de trabalho, a especificidade latino-americana no capitalismo. Amarildo Vieira enfatiza a importância do engajamento político de Ruy Mauro na elaboração de sua relevante obra.

A publicação é encerrada com o capítulo escrito pelo professor Eriberto Peres Castilho, “Produção e reprodução da economia na República Velha Brasileira (1889-1930): uma interpretação teórica

de Francisco de Oliveira”, debatendo as explicações sobre o processo de industrialização brasileira em suas origens. Castilho situa as ponderações de Chico de Oliveira em contraponto à visão de Celso Furtado e da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), órgão da Organização das Nações Unidas, que defendia o desenvolvimentismo, explanavam a *estratégia de industrialização por substituição de importações* com vistas a contar o advento industrial no Brasil. Ao contrário da interpretação furtadiana e cepalina, explica Castilho remetendo às reflexões de Oliveira, o baixo custo de reprodução da força de trabalho serviu ao processo industrial em seu início, proporcionando a ampla acumulação de capitais. Além disso, as demandas das burguesias urbana e rural continuaram a serem supridas pelas importações, a despeito das dificuldades no comércio externo e os custos altos, o que evidencia a insuficiência da tese de substituição de importados ao narrar a fase inicial de industrialização na economia brasileira.

As reflexões desenvolvidas pelos autores na coletânea estão amplamente embasadas nas obras dos intérpretes do Brasil. Os autores demonstram dominar à fundo as vastas obras dos intelectuais selecionados. Ademais, eles conhecem os combates sociais nos quais os leitores do Brasil tratados estiveram envolvidos e a cultura de que usufruíram e na qual trabalharam.

Esta coletânea não tem a pretensão de ser completa, uma vez que sempre faltarão nomes que, de uma forma ou de outra, produziram contribuições para o conhecimento e a transformação da realidade brasileira. Como o primeiro trabalho de publicação do Grupo de Estudos Marxistas da UFF de Rio das Ostras, e por ser o resultado de uma atividade de Extensão Universitária, não

houve a preocupação de se trazer as reflexões de intelectuais por seu gênero, raça ou etnia, embora tenha-se evidenciado a obra de um intelectual negro. Ademais, participante como autor na coleção e no curso teve-se um professor negro e uma professora negra. Contudo, não houve a preocupação na ênfase da representatividade de gênero e racial. De todo modo, os intérpretes do Brasil selecionados para os estudos compõe um panorama amplo dos pensamentos social brasileiro.

Pode-se afirmar que os pesquisadores que percorreram sobre os leitores do Brasil o fizeram aproximado ao recurso metodológico da análise imanente. As obras dos intelectuais selecionados foram compreendidas enquanto síntese de suas imanentes e múltiplas determinações. Assim, a análise crítica imanente é fator legítimo e indispensável na exposição e no desvendamento das posições, haja vista que se quer evidenciar o modo real e concreto das diversas consciências práticas. Procedimento metodológico que, segundo György Lukács, torna-se “indispensável que demonstremos, também no terreno dos fatos e filosoficamente, sua incoerência interna, seu caráter contraditório” (1959, p. 6). Dessa maneira, desenvolve-se a análise que abarca, ao mesmo tempo, a gênese e a função social das proposituras dos autores, visto que suas elaborações intelectuais estão determinadas sócio-historicamente e, além disso, torna possível desvendá-las através de sua própria lógica interna. Realiza-se, portanto, a análise que permite fazer os intérpretes do Brasil explicitarem seus próprios pressupostos, bem como os conflitos sociais em que participaram, trazendo, como frisou Lukács, a evidência “que aparece explícita, sem necessidade de provas, para seus leitores” (1959, p. 5).

O trabalho centrado na análise imanente sugere a investigação exegética dos textos e discursos dos intelectuais selecionados, de modo que os escritos e relatos devem ser compreendidos como produtos de suas subjetividades, exposições de conteúdos teóricos e práticos, além de expressões de suas experiências. Neste caminho, a tarefa do pesquisador frente à matéria do texto em análise se divide em três fases de percepção: primeiro, demonstrar o que o texto afirma, isto é, identificar a propositura; segundo, explicitar o que o texto diz tacitamente, de modo a encaminhar a investigação a perceber as relações subjetivas dos sujeitos e os laços constitutivos com outros agentes sociais e, terceiro, perceber o que o texto não revela explicitamente, isto é, desvendar o que está “escondido” no discurso, o que se objetiva ocultar da cena social. O procedimento de investigação presente nos capítulos pressupõe, por um lado, a análise interna dos discursos dos intelectuais, objetivando a compreensão, cuja função consiste em evidenciar a formação imanente para, a partir daí, demonstrar o significado dos diversos elementos envolvidos nas formulações. E, por outro lado, almeja contemplar uma análise externa, explicativa, capaz de estabelecer relações com a estruturação social.

A coletânea também é um esforço em resgatar a tradição intelectual crítica no Brasil. Vale destacar que desde o processo de autorreforma da autocracia burguesa nos anos 80 do século XX, percebe-se certa negligência por parte dos intelectuais das esquerdas em pensar a especificidade da formação social brasileira. O movimentismo e a adaptação à rotina institucional pseudodemocrática revelaram a carência da assimilação do conhecimento

produzido sobre a história do país ao que se refere a avanços e a limites da materialidade social. Verificou-se os esforços em solucionar o pauperismo no Brasil sem a realização de transformações da questão agrária, da constrição salarial e da desigualdade, o que se demonstraram insuficientes. Nessa direção, ainda que se tenha conseguido alguns (poucos) avanços, vale destacar que 1% mais rico da população possui quase metade da fortuna patrimonial brasileira, enquanto a metade mais pobre do Brasil possui menos de 1% da riqueza do país. A distância social entre os proprietários e não proprietários é imensa, o que faz do Brasil um dos países mais desiguais do mundo. Os responsáveis pelo combate à pobreza não fizeram uso da fundamentação teórico-prática que explicasse a origem, o desenvolvimento e a necessidade de superação da sociedade do capital. A intelectualidade das esquerdas tem se debruçado pouco acerca do caráter da particularidade da formação brasileira e as suas consequências para a vida social.

O capítulo atual da *miséria brasileira* – isto é, do “reformismo” cada vez mais “fraco” e das ameaças da extrema-direita – impõe-se, entre outros trabalhos, pensar o Brasil na perspectiva da transformação social, para tanto, o desvendamento do caminho específico do país se faz necessário, o que não se consegue sem a apropriação dos debates e das leituras de forma crítica do que os clássicos autores trouxeram em suas páginas.

#### Referências

LUKÁCS, G. *El asalto a la razon: la trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler*. Tradução: Wenceslao Roces. México, DF: Fondo de Cultura Economica, 1959.